

UMA COMPREENÇÃO DE COMO SE CONSTRÓI O IDEB

Ana de Arruda Leal¹

Maria Alice Humberto Silva²

Denise Nascimento Silveira³

¹ Universidade Federal de Pelotas – analeal1995@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – alicehb.silva@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – silveiradenise13@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho se insere nas pesquisas do Grupo de Pesquisa do OBSERVATÓRIO DA EDUCAÇÃO com o projeto: INTERFACE UNIVERSIDADE E EDUCAÇÃO BÁSICA: POSSIBILIDADES INOVADORAS E QUALIDADE DO ENSINO. O recorte do projeto que apresentamos se refere à análise de contexto e proposição de ações, com relação ao impacto das políticas públicas para o incentivo à docência e sua articulação com as práticas desenvolvidas na escola, bem como aos indicadores da qualidade da educação básica apontados pelas políticas de avaliação externa; aqui nos detemos na interpretação do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB.

Fernandes (2007) estabelece este índice combinando dois indicadores usualmente utilizados para monitorar nosso sistema de ensino: a) indicadores de fluxo (promoção, repetência e evasão) e b) pontuações em exames padronizados obtidas por estudantes ao final de determinada etapa do sistema de ensino (4^a e 8^a séries do ensino fundamental e 3^o ano do ensino médio).

Seu pressuposto é a evidente complementaridade entre ambos, mas sem deixar de considerar que um modelo perfeito ainda não existe, assim considera que “um sistema ideal seria aquele no qual todas as crianças e adolescentes tivessem acesso à escola, não desperdiçassem tempo com repetências, não abandonassem os estudos precocemente e, ao final de tudo, aprendessem”, pondera o autor (FERNANDES, 2007, p.7).

2. METODOLOGIA

Para esta etapa do trabalho e, sem nos afastarmos da proposta metodológica qualitativa de todo projeto, estamos realizando uma análise documental dos dados disponíveis na base do INEP.

¹ UFPEL – alicehb.silva@gmail.com

² UFPEL – analeal1995@hotmail.com

³ UFPEL – silveiradenise13@gmail.com

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Fernandes (2007), independentemente das vantagens e desvantagens de se ter um exame cuja referência seria a faixa etária, o fato é que os que são aplicados no País para aferir a proficiência dos alunos (Saeb, Prova Brasil e Enem) têm como base a série, onde nem sempre há uma relação com a idade “ideal”. A única exceção é o Pisa (Programme for International Student Assessment), que é aplicado aos alunos de 15 anos de idade. Neste caso, no entanto, a amostra é representativa apenas para o País como um todo, impedindo que a medida de desempenho seja aplicável às escolas e redes de ensino.

Embora não concordemos com muitos aspectos deste texto, nele encontramos a posição da Diretora de Tratamento e Disseminação de Informações Educacionais - Orosinda Maria Taranto Goulart (FERNANDES, 2007), que considera este índice de fácil compreensão, simples de calcular, aplicável às escolas e explícito em relação à “taxa de troca” entre probabilidade de aprovação e proficiência dos estudantes. Ou seja, o indicador torna claro o quanto se está disposto a perder na pontuação média do teste padronizado para se obter determinado aumento na taxa média de aprovação.

Ao analisarmos as fórmulas aplicadas, discordamos desta posição, pois há necessidade de utilizarmos recursos matemáticos com alto grau de dificuldade. Vejamos a forma geral do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB – que foi desenvolvida por Fernandes (2007, p.10):

$$IDEB_j = f(\bar{N}_j, \bar{T}_j); \quad f_{\bar{N}} > 0 \quad \text{e} \quad f_{\bar{T}} < 0; \quad (1)$$

onde,

$IDEB_j$ = Índice de Desenvolvimento da Educação Básica da unidade j (escola, rede de ensino, município, etc.);

\bar{N}_j = proficiência esperada, em determinado exame padronizado, para estudantes da unidade j ao final da etapa de ensino considerada;

\bar{T}_j = tempo esperado para conclusão da etapa para os estudantes da unidade j ;

f_k = derivada parcial de $f()$ em relação a k .

4. CONCLUSÕES

Como estamos buscando uma compreensão para a construção deste índice, nesta etapa de estudos e interpretação dos documentos, ainda não temos uma conclusão. Mas consideramos que é difícil chegarmos a uma leitura da realidade através de tantos cálculos e, que a exigência de conhecimento matemático para realizá-lo pode gerar um afastamento da interpretação da realidade, pois com muitas variáveis podemos mascarar os resultados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERNANDES, Reynaldo. ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (IDEB) / REYNALDO FERNANDES. – BRASÍLIA: INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA, 2007.

<http://portal.inep.gov.br/web/portal-ideb/como-o-ideb-e-calculado>